PRIMEIRA COMMUNHÃO

N.º 218 Lisboa, 26 de Abril de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPANHA:
Anno, 4$800 réis — Semestre, 2$400 réis
Trimestre, 1$200 réis

Illustração PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão **R. Formosa, 43**

SOCIEDADE FABRICANTE

DE

Discos

ACABA de ser posto á venda o esplendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado com as ultimas novidades, taes como: ALMA DE DIOS, SONHO DE VALSA e outros de double face ao preço de 1$050 réis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de double face, grandes, a 750 réis. Ninguem os tem mais bem impressos, nem mais baratos. Pedidos á CASA SIMPLEX, BICYCLETTES, DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de **J. Castello Branco, Rua do Soccorro, 23-B** e **Rua de Santo Antão, 32 e 34,** quer para venda avulso como para revender.

Labios frescos! Bocca perfumada! Delicioso alento!

N'essas gentis boccas de mulher, onde o sorriso juvenil desabrocha por entre perolas, estas pastilhas transmittem a sua doce fragancia. Teem o sabor da ambrosia, e constituem, na conversa ou no canto, toda a fascinadora alma da mulher elegante.

Fortifica as gengivas, evitando a deslocação dos dentes'

Indispensavel a todos que fumam, ***evitando as ulceras cancerosas que são um perigo!***

Pastilhas de Quentin's

Uma artistica caixa de aluminio, 400 rs.; pelo correio 450 rs. A' venda na Perfumaria Balsemão, Rua dos Retrozeiros, 14. Telephone 2777.

DEPOSITO GERAL: — Rua dos Retrozeiros, 46, 2.º, Esq.º

PARFUM POMPEIA

L. T. PIVER PARIS

Receita para curar

LABIOS FEIOS
» FERIDOS
» FENDIDOS
» ASPEROS
» ENGELHADOS
» SECCOS
» INCHADOS
CIEIRO
FERIDAS NAS NARINAS
MAUS CANTOS DE BOCCA
MUCOSAS IRRITADAS
ETC., ETC., ETC.

Passar sobre a mucosa, levemente, repetidas vezes, o

LAPIS NAFALAN

com sello VITERI

que dá ás mucosas ***resistencia, brilho, côr, aroma, frescura,*** e o ***aspecto setinoso proprio da mocidade e da saude.*** Util a todas as pessoas que se expõem ao vento, á chuva, ao calor, ao frio, ao sol.

Os ***fumadores*** usam-n'o para evitar a acção do ***fumo*** e da ***nicotina.***

Lapis com um dedal para costura, 200 rs. Pedidos ao deposito: VICENTE RIBEIRO & C.ª, 84, Rua dos Fanqueiros, 1.º — LISBOA.

AGENCIA DE VIAGENS

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hoteis.

Rua Bella da Rainha, 8
LISBOA

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente
RHEUMATISMO
GOTA
NEVRALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

BAUME BENGUÉ

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).

Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

XAROPE FAMEL

CURA INFALLIVELMENTE
BRONCHITES
MESMO CHRONICAS
TOSSES
ASTHMA
PREÇO 800 REIS

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL: 15, RUA dos SAPATEIROS — LISBOA. FRANCO DE PORTE COMPRANDO DOIS FRASCOS.

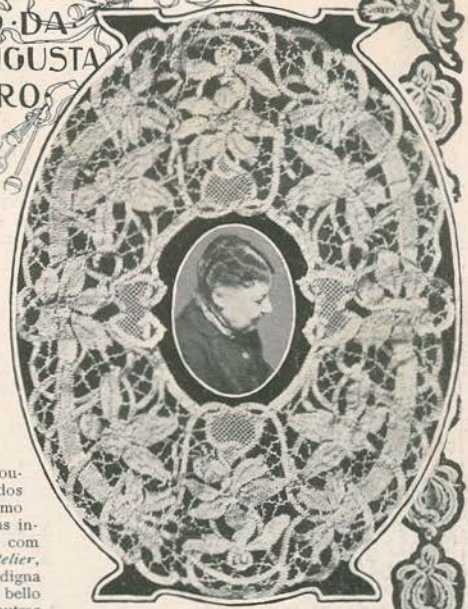
PRINCIA

NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, Bd des Italiens, PARIS

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon

RENDAS PORTUGUESAS

A EXPOSIÇÃO DA EX.MA S.A NR. D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO



Aquelle *atelier* da rua do Thezouro Velho onde a veneranda sr.ª D. Maria Augusta, da privilegiada familia dos Bordallos Pinheiro, vae fazendo a mais delicada das ar es, é um logar encantador em que se marca e define o culto da obra prima. Nada mais delicado, mais fino, mais subtilmente artistico que essas rendas de lavores tão originaes, de pontos tão deliciosos que parecem feitas por dedos divinos n'uma fórma ritual, toda cuidados, carinhos e dedicações. E' ali, deante d'essa artista, d'uma raça poderosa d'artistas, que se tem a impressão de tão subtil labor feminino todo dedicado a engalanar graças e bellezas. O trabalho das rendas é realmente feito de maravilhas. Os dedos mal pousam na obra, parecem espiritualisados ao puxarem as linhas finissimas como fios de teias de aranhas; as cabeças inclinam-se attentas para o trabalho com um ar religioso é a moldura do *atelier*, onde ha rendas magnificas, é bem digna do quadro d'essas trabalhadoras do bello realisando a obra que irá enfeitar outras mulheres. E' toda a historia da renda que perpassa emquanto os deditos subtis vão trabalhando com o mimo e leveza que tinham os da pequenina apaixonada do *Rêve*, quando ia bordando a fio de ouro as casulas, as dalmaticas, as mitras de João XXIV, o bispo d'uma raça principesca.

Primeiro evocam-se essas bordadoras do seculo XV, com seus toucados extranhos, fazendo a transição entre a bordadora e a rendeira; trabalhando com mais subtilezas a crearem a arte que enriqueceria Flandres e a Auvergne, que tornaria celebres Alençon e Argenton, faria terem o valor de thezouros e serem guardadas como joias raras e insoberbas as *valenciennes* de fundo fechado, as *malines* tão finas, as *chantilly* com as suas amphoras, vasos e gri-

1 Tapete, estylo moderno

2 — D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro

3—Leque estylo Luiz XV

naldas, as rendas que pousaram nos hombros das rainhas e lhes cobriram os seios, que enfeitaram os trajos das grandes damas nas côrtes galantes de Catharina de Medicis e de Luiz XIV.

Depois são as figurinhas que as usaram a surgirem n'aquelle silencio do *atelier* onde tudo são attenções ao trabalho. Não apparecem apenas soberanas e fidalgas cobrindo-se com as obras maravilhosas, mas tambem graciosas moleiras e garridas camponezas com seus toucados de rendas de Bruxellas e auvernhesas, tão alvas que pareciam flocos de espuma a coroarem as suas tontas cabecitas.

Os homens, os proprios homens, tiveram a velleidade das rendas e recorda-se logo um retrato de Carlos I d'Inglaterra em que elle está com o seu gibão de velludo negro

Um aspecto da exposição no *atelier* da rua Antonio Maria Cardoso

engalanado pelo cabeção de pesponto magnifico que se vê tambem nos quadros onde D. João IV e D. Affonso VI apparecem em trajos de gala. Se o soberano inglez subiu ao patibulo com aquellas rendas, que extranhas deviam ser salpicadas pelo sangue, molhadas e perdidas com a vida do rei, o que fôra sem duvida fructo d'uma laboriosa tarefa feminina em que talvez se perdesse a luz dos olhos!

Esse seculo XVII foi o reinado das rendas. Em toda a parte se abriam *ateliers*, legiões de trabalhadoras faziam os enfeites delicados que iam adornar não só as golas dos fidalgos, os punhos e as camisas, mas ainda o interior dos coches e liteiras. E' uma industria caseira de começo; em algumas terras torna-se uma riqueza, como mais tarde succedeu em Peniche, Setubal e Faro, onde tão lindas rendas se fizeram e onde a arte tem decahido muito nos ultimos tempos, sendo ainda essa senhora da familia Bordallo, artista de alma e coração, que conserva a tradição d'esse trabalho portuguez, o aperfeiçôa, desenvolve, impõe como a guardar uma preciosidade que não é talvez apreciada como merece.

Tempo houve, no fim d'aquelle seculo, em que o luxo das rendas attingiu proporções enormes. As leis sobre o vestuario prescreveram-nas do trajo dos homens, porque havia fidalgos que vendiam as terras para poderem usar esses lindos lavores que tão bem diziam sobre os gibões de velludo. Durou pouco a medida, mas ainda assim Molière teve tempo de citar o édito prohibitivo na sua *Escola dos Maridos*. Luiz XIV sentiu que seria uma enorme riqueza para a França o desenvolvimento da industria d'esse genero e foi chamando rendeiros de Veneza, homens que trabalhavam no mister, e que crearam o celebre ponto de Alençon d'onde nasceram os outros, muito bellos tambem, o de Bruxellas e Argenton.

Então tem a renda todo esse altissimo caracter artistico que mais se devia aperfeiçoar no reinado seguinte e sente-se por detraz do rei artista o activo ministro Colbert a impellir sempre esses soberbos trabalhos que entre nós tiveram o seu apogeu na villa de Peniche e são hoje os preciosos trabalhos

Leque estylo moderno

da irmã do grande Raphael Bordallo e d'esse singular pintor que é Columbano.

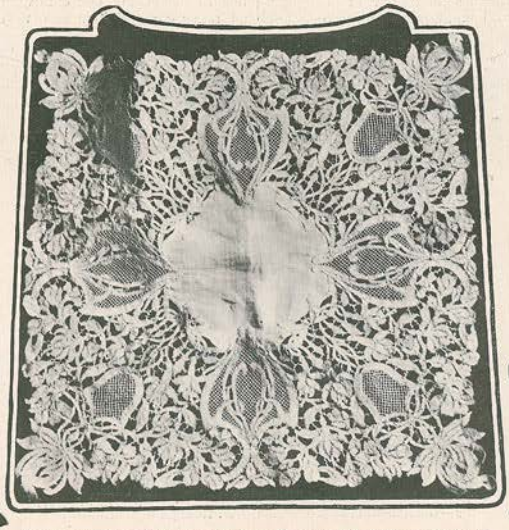
N'aquelle logar onde tudo se faz com tanta arte, onde ha um cuidado excepcional com essas magnificas rendas, evoca-se ainda a industria do seculo XVIII, as *chantilly* e as *malines* que Josephina gostava de mostrar ás suas damas de honor com tanta vaidade como as suas soberbas joias e os diamantes da França, que adornaram a sua cabeça de creoula e aventureira.

Em todos os quadros do tempo em que se mostram as lindas mulheres é vêl-as adornadas com rendas das caras em que fazem tanta gala como nas joias preciosas e assim apparecem retratos da princeza do Brazil, de Carlota Joaquina e de D. Maria I. Os homens, após a época severa de Pombal, tinham posto de lado esse luxo a não ser nos bofes das camisas, que continuaram a ser de rendas, sobretudo em corpos de peraltas das grades e dos saraus.

Depois foram caindo mais ou menos. A machina veiu brutalisar a industria, onde tantos cuidados se punham; atulhar os mercados; fazer da maioria das rendeiras umas desvalidas. Mas um dia surgiu uma vontade poderosa para essa lucta artistica, para resuscitar d'uma fórma brilhante a renda preciosa. Foi D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que em 1887 se metteu n'aquella escarpa de Peniche a trabalhar, a procurar tornar mais bella ainda essa obra de tantas delicadezas.

Voltou dois annos depois. O que a irmã de Raphael e Columbano tem feito, sabem-no todos os que visitam o seu *atelier*, sabem-no os artistas e as lindas mulheres que se enfeitam com as finissimas e artisticas rendas por ella trabalhadas. Todos os annos se faz uma exposição n'essa casa d'arte da rua do Thezouro Velho, todos os annos os nossos olhos se fixam deslumbrados n'esses enfeites de tão formosos estylos.

São os lencinhos com a sua renda



Lenço, estylo moderno, pertencente á sr.ª D. Carolina Monteiro de Mendonça

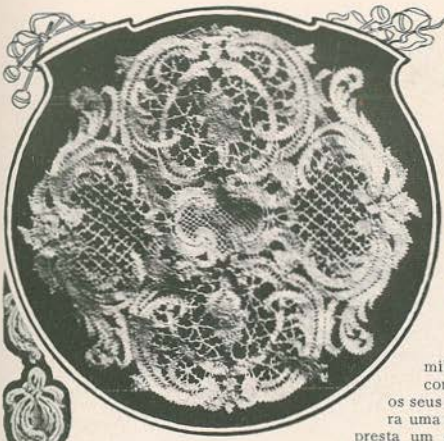
João V, tão original e linda; os gothicos, e o Luiz XVI, são os bellissimos lavores em prata e os leques—a maravilha. Olhando bem esses leques, tem-se a alta impressão do que é esse trabalho de todos os dias, a attenção desvelada, o puro carinho que a grande artista dá a essas obras, ás quaes todas as mulheres se deviam devotar.

Toda a obra de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro é um encanto. Aquellas rendas finas, de desenhos caprichosos, prendem a vista, deliciam-nos, sente-se a vontade de as tocar e lamenta-se, ao mesmo tempo, que não haja uma verdadeira e intensa corrente a preferir ás obras ruins da industria esses trabalhos puramente artisticos.

As senhoras da nossa sociedade deviam visitar a miudo esse *atelier*, demorarem-se diante d'essas singulares obreiras do bello, ligarem verdadeiro apreço a essas rendas que são ainda bem da arte portugueza, que manteem uma tradição e são maravilhas.

No futuro constituirão preciosos dotes; serão fortunas como aquellas encantadoras rendas de Veneza, que ficavam nos enxovaes fidalgos, indo servir ás netas como tinham sido usadas pelas

1—Cortina pertencente ao sr. Henrique de Mendonça. 2—Lyrio em fio de prata
3—Outra cortina das pertencentes ao sr. Henrique de Mendonça



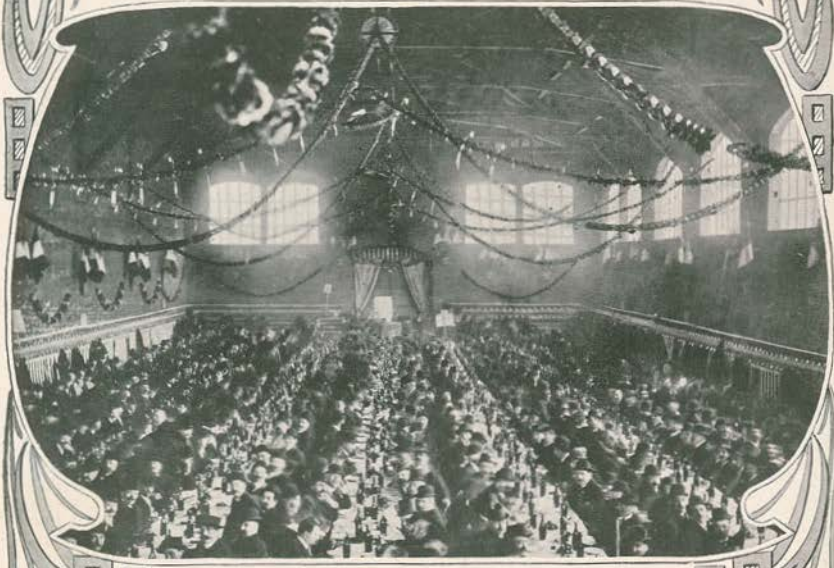
avós, apparecendo como joias de familia em volta dos lindos pescoços de toda uma geração patricia de formosas mulheres. A irmã de Raphael Bordallo e de Columbano, a illustre senhora d'uma familia de artistas, continuando com os seus trabalhos, honra uma formosa arte e presta um grande serviço ao seu paiz n'aquelle encantador *atelier* onde se faz esse artistico ornamento da mulher, as rendas que vão destacar nos vestidos e palpitar nos leques, arma terrivel que tão preciosos enfeites torna ainda mais perigosa nas lindas mãos femininas.

1—Fundo de prato em estylo Luiz XV. 2—Applicação de uma tulipa
3—Outro aspecto da exposição (*Chichés* Benoliel)

O BANQUETE DE SAINT-CHAMONT

O presidente do conselho sr. Briand, aguardando, entre os convidados, a sua vez de entrar para a sala do banquete.

O sr. Briand, presidente do conselho de ministros de França, foi presidir a um banquete de propaganda eleitoral em Saint-Chamont, dando causa a grande agitação entre os elementos socialistas, que apedrejaram os agentes de policia e as janellas da casa onde se realisava a festa. A' sahida, no meio da desordem, um libertario disparou um tiro contra o presidente do conselho, não o attingindo.



Aspecto geral do banquete
(*Clichés* da World's Graphic Press)

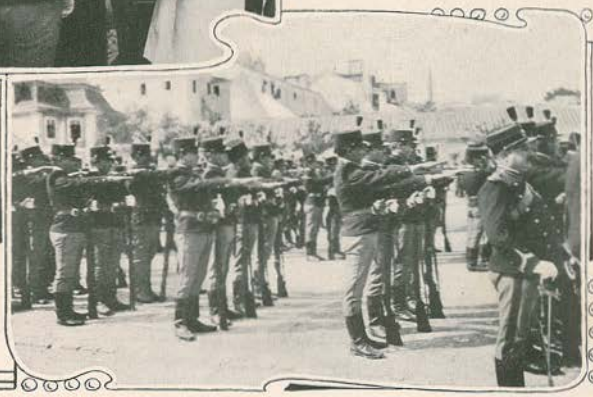
O JURAMENTO DOS RECRUTAS EM INFANTARIA 1

Os officiaes de infantaria 1, a fim de festejarem o juramento de bandeiras no seu regimento, promoveram festas que se realisaram em 17 de abril e que foram a comprovação do

1—O ajudante de infantaria 1 lendo a formula do jurmento
2—El-rei, o principe real e a comitiva assistindo ao desfilar dos recrutas

das praças do 2.º batalhão. Nas provas de obstaculos venceu o soldado José Mauricio, nas corridas de velocidade o 1.º cabo Joaquim Lopes e nos saltos de vara o corneteiro n.º 50 da 3.ª companhia do 2.º batalhão, que bateu o *record* do ultimo

3—Os recrutas prestando juramento
4—El-rei provando o rancho



desenvolvimento physico do nosso exercito. Houve varias provas sportivas, como luctas de tracção, corridas de obstaculos e de velocidade e saltos á vara, que constituiram um bem interessante espectaculo.

Na lucta de tracção ficaram vencedoras, apoz renhidos esforços, as *equipes*

concurso do quartel de engenharia. O vencedor conseguiu transpora extensão de dois metros e cincoenta. A's festas assistiram o chefe d'Estado e o principe real, que visitaram todo o quartel. O senhor D. Manuel presenteou com um relogio e um annel de oiro o soldado José Mauricio, que acabava o seu tempo de praça exactamente no dia em que obteve a sua victoria no torneio realisado no quartel.

Por fim houve um *match* de *foot-ball*, que foi dirigido pelo alferes sr. Viegas.

1—Passagem d'um dos obstaculos. 2—Outro obstaculo a passar. 3—Exercicios de gymnastica. 4—Lucta de tracção. 5—Os vencedores (*Clichés* de Benoliel)

UM ANNO DEPOIS

O dia 23 d'abril de 1909 nascera sereno, cheio d'aquella luz rutilante, toda meridional, que a natureza nos distribuiu. O sol, já ardente n'aquella epoca do anno, era temperado por uma fresca aragem que, arrastando comsigo o aroma exhalado pelo arvoredo em flôr, embalsama o ar, predispondo os organismos para as visões felizes da vida e para o esquecimento das dôres physicas e moraes, que são a maior partilha que coube á pobre humanidade.

Nada deixava suspeitar a tremenda provação que impendia sobre a pobre Benavente.

Os seus habitantes entregavam-se lassamente aos seus mistéres. Ao meio dia o dr. Montez, de Santarem, na ancia de ir assistir ao congresso republicano de Setubal, para onde tinham já partido todos os dirigentes republicanos da villa, conseguia fazer mu dar, para outro dia, o julgamento de uma causa que estava despertando geral interesse e tinha attrahido ao tribunal centenas de pessoas que, desapontadas, se retiravam, obstando este facto a que ali houvesse, n'esse dia, innumeras victimas, porque o julgamento ter-se-hia estendido até á noite.

N'aquella tarde, a pharmacia Horta, no largo da egreja, ponto de reunião dos republicanos militantes, onde todas as tardes, á porta, sentados em cadeiras espalhadas pelo terraço, discutiam os assumptos do dia, achava-se deserta em virtude da abalada para Setubal dos seus frequentadores.

Pouco antes das 5 horas da tarde correu o falso boato de que estava a chegar á ponte o Cidade, um criminoso celebre, que dias antes tinha sido preso lá fóra. A garotada, que costumava retoiçar em róda da egreja todas as tardes, e alguns adultos que tinham por habito ir sentar-se no sóco do gradeamento em intima palestra, correram áquelle ponto a vêr a féra.

A grande praça encontrava-se casualmente despejada de pessoas!

1—As ruinas da capella-mór da egreja de Benavente. 2 — Trecho da villa antes do terremoto vendo-se um recanto da Praça do Municipio e a egreja matriz que, á excepção da capella-mór, derruiu até aos alicerces. 3—Rua central da praça Anselmo Xavier onde se estabeleceu provisoriamente quasi todo o commercio da villa.

1—Recanto da praça Anselmo Xavier
2—Barracas da Cruz Vermelha
3—Aspecto actual da villa, vendo-se as ruinas do Centro republicano

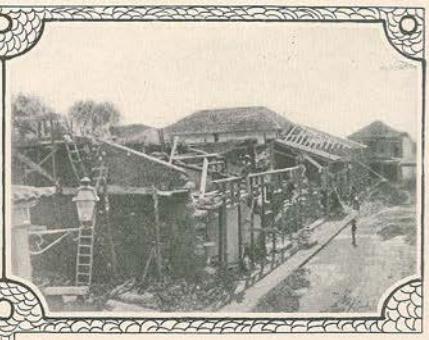
pellindo, pelas fendas, que se abrem até ao seu amago, as aguas artezianas que, vendo-se momentaneamente em liberdade, resaltam á superficie do sólo, jorrando em repuxos formidaveis, que assombram os trabalhadores do campo que os presencearam.

Na ponte, e em toda a parte, os que foram surprehendidos, a andar, cahem por terra. Dois ou tres que, n'aquelle ponto, estavam parados, aguentam-se difficilmente de pé. Lançam olhos espavoridos para o lado da villa, e, por sobre os telhados que as altas torres da egreja dominam, vêem estas e o cyclopico templo, cujas paredes de quasi 3 metros de espessura parecem desafiar todas as iras da natureza, como que elevarem-se momentaneamente, ondular como haste flexivel açoutada pelo vento, e desmoronar-se tudo, em dois segundos, até aos fundamentos, com excepção d'uma pequena parte da capella-mór, atulhando de escombros, por todos os lados, a praça providencialmente deserta, desabando ao mesmo tempo a frontaria da pharmacia, sobre o terraço.

De repente, ás 5 horas e 10 minutos, ouve-se um extranho e ensurdecedor rumôr vindo do norte. A terra treme n'uma convulsão gigantesca. Abre-se; torna a unir-se; ondula; como que quer contrahir-se despedaçando-se, partindo-se em milhões de fragmentos, e exadversario. Em toda a parte, todas as habitações, altas, baixas, construidas de terra ou de alvenaria, de tijolo, ou de cantaria, agitadas, abaladas, torcidas em todas as direcções por uma força sobrenatural, as que não cahiram por terra, ficaram rachadas, fendidas, escavacadas, transformando a pobre villa n'uma fractura, como João Chagas, n'uma synthese admiravel, a definiu.

Em algumas ruas mais estreitas, os predios altos de um e outro lado, para quem os observou, imprimiram a visão de um duello de morte, arremetendo-se e dobrando-se uns contra os outros, ficando alguns prostrados aos pés do

Emquanto dura a tremenda catastrophe, os que não foram por ella surprehendidos na rua correm espavoridos e allucinados á procura dos seus; e n'essa procura insensata, emquanto muitos encontram a morte, esmagados pelos predios que derruem total ou parcialmente, outros, mais felizes, escapam milagrosamente á chuva de projecteis que os predios despejam sobre as suas cabeças, e ficam espantados de se encontrarem ainda com



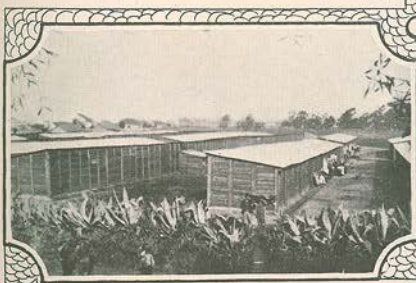
vida, passados aquelles terriveis segundos. Os que se encontravam em casa passaram verdadeiros momentos de horror. Eu, agarrado aos meus, no vão de uma porta para onde o instincto nos levou, vendo as paredes abrir-se em todas as direcções, nunca pensei que saissemos de lá com vida durante aquelles tristes, lancinantes e indiscriptiveis momentos, grandes como seculos.

Só alguns, poucos, predios terreos e mal construidos abateram completamente, sepultando nas ruinas os seus habitantes, Nos outros, altos ou baixos, as paredes desabando, de um ou mais lados, sempre para fóra, deixaram incolumes os interiores.

Tres pobres mulheres, em varios pontos, encontraram-se enterradas em vida em pequenos antros onde mal se podiam mover, suppondo, unanimes, que se tinha acabado o mundo. Quando as arrancaram dos horriveis sepulchros, julgaram resuscitar para a vida. Uma d'ellas, desenterrada por uma vizinha, teve esta exclamação: «Que? Tambem escapaste? Não estou sósinha no mundo?» abraçando-se doidamente á sua salvadora.

Contar todos os episodios succedidos n'aquelles 15 ou 20 segundos, n'uma população de 4:000 almas, daria um grosso volume.

Passados elles, comprehendendo todos que a repetição de um segundo abalo como o primeiro acabaria por arrazar tudo até aos fundamentos, e vendo que os predios, embora em pé, partidos e escalavrados, como se encontravam, não offereciam a minima segurança, saltaram para a rua, em chinellos, sem chapeus, alguns em trajes menores, e, todos doidos, espavoridos, só pensando na salvação da vida, correram, transpondo penosamente os escombros que lhes tolhiam os passos, para os largos, convergindo a grande maioria para a espaçosa praça Anselmo Xavier, grande como o Rocio de Lisboa. A's 6 horas estava cheia de uma multidão apavorada. As familias agrupavam-se abraçando-se e olhando-se desoladamente, esperando a possivel morte su-



1—O auctor do artigo com sua familia. 2—A reconstrucção da villa. 3—A barraca onde o auctor do artigo viveu mez e meio. 4—Abarracamentos do governo no cerrado do sr. Manuel Correia e onde se installaram muitas familias. 5—A casa onde reside o sr. Antonio Veiga e sua familia.

Ruinas da casa do sr. Carlos Reis Fernandes

bita por um sublevamento ou abaixamento do solo que os tragasse, como pareciam preannunciar os formidaveis rugidos subterraneos que de momento a momento se faziam ouvir. As mulheres do povo, em grupos de centenas, a cada novo trovão subterraneo, cahiam de joelhos implorando em altos gritos a misericordia divina.

Era um espectaculo desolador, que durou uma noite secular.

A villa estava deserta... Deserta, não. Um taberneiro na travessa da Amoreira, ignorante do perigo, ou não se importando de morrer, ficára junto ao balcão á espera dos freguezes, teimando em nunca sahir de lá.

Os proprios presos haviam arrombado a cadeia e fugido.

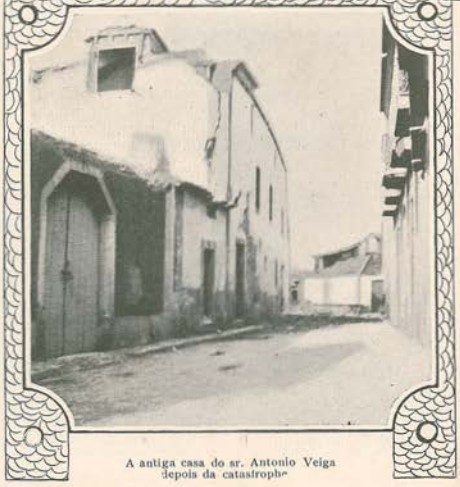
Outros presos, porém, os desgraçados doentes do hospital, agrilhoados ao leito da dôr, esses é que não puderam evadir-se.

Um homem, porém, cheio de coragem e abnegação, não se esqueceu d'elles um só momento. O medico, dr. Moreira Salles, que os tratava na ausencia do seu collega e correligionario dr. Sousa Dias, partido para Setubal, sem se importar com as ameaças de morte e destruição que os rugidos da terra pareciam premeditar, procura carros, exhorta alguns homens de boa vontade a acompanhal-o, e corre a arrancar os mizeros enfermos do perigo em que se encontravam, agarrando elle proprio na aguilhada e conduzindo os carros com os tristes fardos.

Appareceram depois alguns heroes na imprensa, mas eu creio que o não houve maior n'estas circumstancias; assim como não conheço gesto mais nobre que o do dr. Sousa Dias, que não é nenhum Cresus, quando, em sessão da commissão municipal, declarou que os seus capitaes estavam á ordem dos commerciantes, sem juros nem cauções, a quem o terramoto tivesse posto em difficuldades para continuar com o seu negocio.

No emtanto o unico automovel que havia na villa, do sr. João Vicente Almeida, interrompido como se achava o telegrapho, correu a Santarem dar parte da catastrophe e pedir soccorros; e, calando no animo de alguns homens mais corajosos o bello exemplo do dr.

A capella-mór com o seu arco derruido após o abalo de terra de 2 de agosto



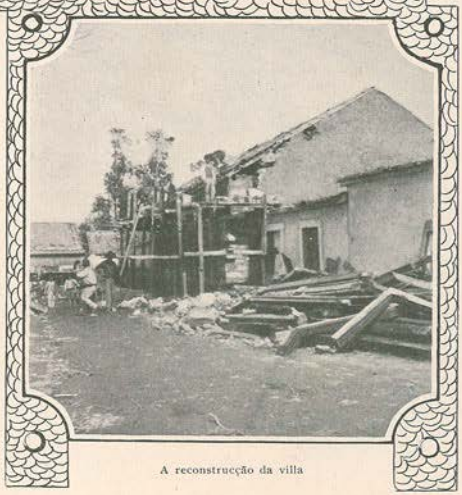
A antiga casa do sr. Antonio Veiga depois da catastrophe

Salles, começaram desde logo a procurar os feridos e os mortos, que iam conduzindo, lugubremente, estes para o cemiterio, e aquelles para o hospital de sangue improvisado no meio da praça, onde aquelle distincto medico lhes prestava os primeiros soccorros.

Com a chegada de alguns bombeiros de Santarem, ás 9 horas da noite, que, corajosamente, se internaram tambem entre as ruinas, procurando, á luz de archotes, os feridos e os mortos, começaram estes a apparecer em grande quantidade, e os lugubres cortejos que de momento a momento entravam na grande praça, conduzindo estes para o cemiterio proximo, e aquelles para o improvisado hospital de sangue, junto aos gemidos dos feridos, ás lamentações da multidão aterrada, aos queixumes das crianças pedindo pão, que ninguem lhes podia dar, e á tremura do solo de momento a momento, acompanhada de formidaveis trovões, formava tudo um espectaculo horrivel que se prolongou por toda a medonha noite, e que jámais esquecerá a quem o presenceou.

Um aspecto da praça Anselmo Xavier com os fundamentos do barracão para os serviços publicos

Grupo de crianças e populares dias depois do terremoto



A reconstrucção da villa

Com o raiar do dia a serenidade começou a entrar nos animos; e, comprehendendo todos que era necessario acceitar as circumstancias e tratar da vida em conformidade com ellas, a multidão, qual outro formigueiro a quem o pé, intencional ou descuidoso, arraza o monte de areia que tem por moradia, e sem solução de continuidade reconstrue a destruida habitação, começou desde logo a levantar com taboas, lençoes, cannas, ripas, tudo quanto lhe vinha á mão, os primeiros abrigos, de fórma que, ao meio dia, o grande largo apresentava já o aspecto de um verdadeiro acampamento de selvagens, composto de abrigos os mais heterogeneos, revelando todos, no emtanto, só mizeria e desolação, porque a quasi totalidade só livrava do sol e do relento, e nem sequer occultava as pessoas.

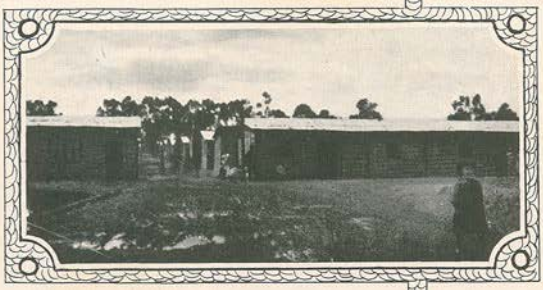
E estes abrigos, levantados momentaneamente, foram os unicos que a grande maioria teve durante longos dias e mezes!

O governo amontoou desde logo quantidades enormes de madeiras e zincos, mas nem uma taboa, nem um zinco, nem uma ripa se fornecia aos desgraçados que as pediam, sendo preciso que apparecesse

uma noite de verdadeiro vendaval, e que a população, desesperada, pretendesse fazer um assalto áquelles materiaes, para alguns se lhe cederem, ficando, comtudo, a jazer durante mezes, mizeravelmente, sobre o solo, pouco menos que ao ar livre, emquanto pachorrentamente se construiam uns rusticos caixotes acanhados, com cujo preço, que digo? metade do preço que custaram, fornecido em materiaes aos pobres habitantes, estes se teriam, desde logo, abrigado dez vezes melhor. Ah! o que a pobre gente padeceu durante perto de 3 mezes é inenarravel.

Capella de madeira mandada levantar pela fallecida sr.ª duqueza de Palmella

Eu, durante mez e meio, não me foi permittido despir-me para dormir, e só no escuro da noite podia mudar de roupa. No meu antro, composto de taboas encostadas umas ás outras, que com enorme dificuldade alcançámos eu e um vizinho e que media 2 metros de largura por 8 de comprimento, alinhavam-se estendidas, durante a noite, na promiscuidade dos sexos e das idades, abrigadas na sahida por mantas, 15 pessoas! Em um outro vizinho, mais acanhado ainda, contaram uma noite 20, e nos outros o mesmo.



Abarracamento para 262 familias

De dia, todas as funcções domesticas se exerciam ao ar livre. Senhoras que, durante o anno, só por acaso sahiam á rua, viram-se, de repente, obrigadas a fazer a sua cozinha, lavar os filhinhos, tratar das suas roupas deante de um publico curioso e, ás vezes, mordaz.

E isto durante dias, semanas e mezes interminaveis por falta de recursos, e emquanto os não arranjavam, porque o governo só mandava engenheiros para fazer caixotes, e as commissões de soccorros entenderam que se haviam inventado para só receber donativos sem obrigação de os distribuir desde logo ás victimas!

Fazer a historia d'essas commissões, que assim deixaram de cumprir a sua principal missão, seria trazer para aqui um estendal de mizerias. Talvez um dia a faça...

A sua acção descobre-se nas photographias que mostram o estado de Benavente no fim de um anno.

Na villa, por falta de providencias contra o inverno, maiores ruinas que no dia seguinte ao terremoto. Fóra, na praça Anselmo Xavier e nos campos circumvizinhos, uns abarracamentos um pouco melhores que nos primeiros mezes, a maior parte construidos á custa de muitas economias e privações dos seus donos, a não serem os caixotes construidos pelo governo, e as barracas, mais cuidadas, pela Cruz Vermelha, para os que nada tinham.

E a grande commissão de soccorros tem recebido trezentos e trinta e tantos contos de réis!

E as camaras votaram cem contos para os primeiros soccorros!

ANTONIO VEIGA.

N. da R.

Ha um anno que Benavente soffreu a desolação do terremoto. Uma testemunha presencial da catastrophe, uma das pessoas que sentiu a intensidade d'esse abalo, o sr. Antonio Veiga, ao descrever-nos as suas impressões faz uma completa reconstituição das circumstancias do terrivel acontecimento que a *Illustração Portugueza* deixa archivada nas suas paginas.

Aspecto actual da villa

Vida Elegante

O sr. dr. Alfredo da Cunha, sua esposa e seu filho

(*Cliché* Arnaldo Fonseca).

CHRONICA QUINSENAL DA VIDA MUNDANA DE LISBOA

Vão lá dizer que a pacatez assentou arraiaes n'esta Lisboa á beira-mar plantada, tanta vez accusada injustamente de ser terreno apto ao desenvolvimento da atroz semsaboria! As festas succedem-se; não ha caminho a medir para alcançar a tempo quantas por ahi se realisam; e o chronista, para bem cumprir a sua missão, precisava viver, permanentemente, em automovel, ladeado de secretarios, a quem fôsse dictando as suas impressões.

Raphael Bordallo Pinheiro, querendo dar uma idéa da vida elegante no Rio de Janeiro, caricaturava-se n'uma revista fluminense escarranchado em bicyclet a a pedalar sem descanço d'um extremo ao outro da cidade carioca, para apparecer a tempo nos jantares, nos *teas*, nas *soirées*, em que então resplandecia o mundanismo da capital brazileira. Hoje, em Lisboa, já não seria possivel fazer escrupulosamente este serviço de informação elegante, com menos de um aeroplano, do qual fosse licito usar e abusar para boa elucidação das gazetas,

—da telegraphia sem fios.

Lá chegaremos...

Foi, portanto, a quinzena abundante em assumpto, bas-

A sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha no prologo *O Estudante Coimbrão*

A sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino no papel de condessa da comedia *Juizo de Paris*

Uma scena da comedia do sr. dr. Alfredo da Cunha, *Juizo de Paris*

tando a esplendida *soirée* artistica realisada em 2 d'este mez, no sumptuoso palacio de S. Vicente, onde mora o dr. Alfredo da Cunha, para notabilisar a vida mundana da capital, se esta não fôsse ainda abrilhantada com os elegantes jantares em casa dos condes de Castro Guimarães, com o *Tea*-concerto no palacio Foz, com a *matinée* tão animada e distincta dos barões de Guamá, com a *soirée* musical de madame Gerty Abecassis e outras festas, que obrigaram a sociedade de Lisboa a uma incessante romaria de prazer!

A *soirée* artistica do dr. Alfredo da Cunha, seria notavel pelo exito absoluto da sua realisação, em qualquer grande capital mais habituada do que Lisboa a essas grandes festas. Não admira, pois, que essa encantadora recita, de cunho tão accentuadamente distincto, fôsse considerada pela feliz assistencia que a admirou como uma das mais brilhantes manifestações do talento delicado e refinado gosto, que nos ultimos tempos as chro-

A sr.ª D. Alda dos Santos Lino no retrato Watteau da mimica *O Antiquario*

.nicas elegantes teem registrado. Para abertura d'uma tal sessão de pura arte, jámais se poderia encontrar motivo superior em inspiração a esse lindo acto de mimica *O Antiquario*, que o sr. Raul Lino compoz com tanta felicidade.

Ao correr o panno, o velho negociante de preciosidades, dormita entre as suas maravilhas artisticas discretamente occultas por coberturas. Entra uma creadinha azougada, que se diverte a despertar o amo acariciando-lhe o nariz rubro com uma penna de pato. O velho acorda mal humorado; mas, essa passageira nuvem dissipa-a o annuncio da visita d'uma freguezia. Esta chega, e o antiquario começa a mostrar-lhe os seus quadros, as suas estatuas, os seus *bibelots*. Uma a uma vae correndo as pesadas cortinas que occultam essas obras de arte; e surgem então á vista deslumbrada do espectador os mais lindos quadros que um amador pudesse desejar. Por ultimo descobre uma estatua de marmore, —um *pierrot* em pé, de braços cruzados e olhos

cerrados, parecendo immobilisado n'um sonho de amôr torturado pela saudade. A fregueza do antiquario escolhe a estatua e mais um bello quadro, onde uma linda pastorinha de Watteau parece avançar, sorrindo, esplendente de mocidade entre o perfume que se evola do seu cabaz repleto de rosas. Ajuste feito e a compradora sae acompanhada pelo velhote radiante e mesureiro. A loja fica deserta. Então, subitamente, a pastorinha anima-se, move-se um pouco, agita-se e sae da moldura deslisando rapida. Timidamente ensaia uns passos, arrisca movimentos, mira com surpreza infantil o que a rodeia; depara então com o *pierrot* de marmore, symbolo extranho da alegria que uma dôr amarga de subito transformasse em estatua, pondo-lhe nos labios uma expressão pungitiva.

A pastorinha olha-o com maliciosa curiosidade; chama-o, procura attrahil-o á vida, ao movimento, esboça subtis passos de minuete, dobrando a linha flexuosa do seu gracil corpo, em graciosas mesuras; mas o *pierrot* continúa impassivel, mergulhado no seu sonho, a face contrahida por um *rictus* de amargura. A linda pastorinha de *Watteau* quasi desiste do seu arrojado intento de animar a estatua; todavia, como derradeiro esforço, envia-lhe nas pontas dos seus dedos afusados alguns beijos dos seus nacarados labios. Dá-se então o milagre; o *pierrot* anima-se, estremece, acorda, e desce pausadamente do seu pedestal, attrahido, fascinado, subjugado! E na loja do velho antiquario, como tocados por varinha magica, emquanto o *pierrot* e a pastorinha dançam uns passos de valsa, animam-se os quadros e em cada moldura ha uma linda cabeça de mulher, risonha e attenta, a contemplar interessada o amoroso grupo. De repente ouvem-se os passos do antiquario; apressadamente as figuras procuram os seus logares, mas, na confusão alarmante, dá-se um engano deploravel; o *pierrot* toma o logar da pastora entre a alta moldura dourada; aquella sobe rapida para o pedestal da estatua. O antiquario entra radiante com o negocio feito e carregado já com o preço da venda. De subito mira o quadro onde o *pierrot* destaca na sua attitude desolada. Tremendo, approxima-se, julga-se victima de uma allucinação; approxima-se mais, tranzido de pavor; e, ao voltar-se, dá com a pastora erecta sobre o pedestal de marmore. Então cae por terra fulminado, emquanto, nas suas molduras douradas, as outras figuras riem maliciosamente.

A interpretação d'este interessante episodio foi a todos os respeitos notavel, sendo vencidas com raro escrupulo artistico as difficuldades que de ordinario obrigam a resvalar para o deploravel ridiculo a representação de peças mimicas. Só com aptidões excepcionaes se consegue o resultado que tão justamente se admirou e applaudiu na linda festa do dr. Alfredo da Cunha.

Tudo o mais do variado programma teve por egual uma execução impeccavel.

No humoristico prologo em verso, graciosamente recitado pela sr.ª D. Adelaide Coelho da Cunha,—uma verdadeira artista de rara valia, como no acto mimico já referido, na delicada comedia *Juizo de Paris*, original do dr. Alfredo da Cunha, onde uma alada ironia adeja em volta de certos ridiculos sociaes, e em todos os mais numeros do programma, se affirmou a feliz alliança do talento de auctores e interpretes, de modo a resultar esse exito verdadeiramente excepcional, que celebrisou a memora-

1—A sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha no *Juizo de Paris*
2—A mimica *O Antiquario*
3—A sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino, na soubrette da mimica *O Antiquario*

Sala Luiz XIV em casa da sr.ª condessa de Santar

vel recita d'um tão alto relevo artistico.

Os jantares diplomaticos em casa dos srs. condes de Santar foram. como dissemos na ultima chronica, festas requintadamente distinctas, como era de esperar dos illustres titulares que na aristocracia da capital occupam evidente logar pela alta cultura do seu espirito e attrahentes primores da sua educação.

A residencia que os srs. condes de Santar occupam na Avenida D. Amelia é um verdadeiro muzeu d'arte; entrar n'aquellas salas onde se admiram tantas preciosidades, é esquecer immediatamente o mundo exterior, ficando-se inevitavelmente presa d'um encanto singular que domina em absoluto a nossa attenção. Já a escada é uma verdadeira galeria artistica, forradas as paredes de esplendidos quadros que são verdadeiras obras primas da pintura nacional e estrangeira. Só do grande mestre que se chamou Silva Porto estão ali dispostos em logar de honra vinte e oito trabalhos, cada um dos quaes representa a triumphante affirmação d'uma poderosa valia evocando o nosso respeito e a nossa saudade pela memoria do grande artista.

Na primeira sala, um soberbo Jacob Jordaens veste toda a parede do fundo. Essa maravilha, que tem chamado a attenção dos mais conhecidos colleccionadores, está assignada e datada de 1538. Em boa companhia se encontra a preciosa tela, porque outros esplendidos quadros de mestre se vêem n'aquella sala firmados pelos mais celebres nomes.

Para descrever quanto se encontra digno de menção no palacio da avenida D. Amelia, não bastariam todas as paginas d'esta *Illustração;* por isso nos limitamos á breve referencia que tem de acompanhar as gravuras. Na sala Luiz XVI onde se admira o grande Jacob Jordaens avultam ainda outras obras de arte attrahindo a interessada attenção dos amadores; mas a impressão que esse exame determina mais se intensifica ao entrarmos na segunda sala, onde o mobiliario, estylo florentino e copia d'uma curiosissima mobilia do tempo dos Doges, é só por si digno de apreço pela originalidade e severa elegancia da sua factura.

A sala immediata é Luiz XIV, elegantissima de aspectos, decorada com os mais lindos moveis, quadros e *bibelots* do indicado estylo. Segue-se o salão central onde avultam, entre outras obras de arte, dois grandes candelabros de Saxe, admiravelmente perfeitos e alguns marmores de esculptores italianos d'uma inexcedivel graciosidade de concepção. A sala de jantar, onde se realisaram os banquetes diplomaticos que as chronicas mundanas registraram ha pouco, é d'um bello effeito, toda a branco e

A sr.ª condessa de Santar

A sala de jantar em casa da sr.ª condessa de Santar.

ouro, guarnecida de *lambris* onde resplandecem antigas e valiosas baixellas e riquissimas louças de Saxe, algumas accusando nas marcas a sua passagem pelas Tulherias nos tempos aureos de Luiz Filippe. Os delicados cristaes de Veneza, as esplendidas flôres de antiquissimo Sevres, um bello *plateau* Luiz XV em prata, admiravelmente trabalhado e quatro soberbos candelabros do mesmo estylo, ornamentavam, com as mais lindas flôres da estação, essa mesa que, pela sumptuosidade de aspectos, tão bem condizia com a decoração artistica da bella sala onde estava posta e onde figuram entre outras preciosidades dois grandes e formosissimos vasos de alabastro, inglezes, adquiridos no leilão da infanta D. Isabel Maria.

De resto, em todos os compartimentos d'essa elegante moradia ha obras de arte dignas da admiração e todas ellas objecto d'um carinhoso enlevo que é evidente prova da alta cultura do espirito dos seus possuidores. Essa verdadeira adoração que o sr. conde de Santar tem pelas suas soberbas collecções, fulgura-lhe no olhar com que as acarícia, repassa as palavras com que se lhes refere. No escriptorio do illustre titular, em frente d'um esplendido *Ecce Homo*, admiravel esculptura em madeira, obra do grande mestre que se chamou Machado de Castro, attentando na commovida admiração com que o sr. conde de Santar contempla essa maravilha artistica, comprehendemos bem quanta verdadade encerra a phrase recente de madame Marcelle Tinayre referindo-se ás mudas testemunhas das nossas angustias, que guarnecem o nosso lar:

«On est moins seul avec eux que partout ailleurs. Et c'est aussi un plaisir de sen-

A sala Luiz XVI

timent.» Bem como por egual comprehendemos, percorrendo os salões d'essa magnifica vivenda, este conceito da referida escriptora:

«Notre maison, c'est comme notre royaume, c'est aussi le prolongement et le reflet de notre personalité. Nos meubles, nos bibelots, choisis par nous, révelent nos goûts secrets, nos idées mêmes, notre conception du bonheur et de la beauté.»

Assim pensamos ao percorrer os salões d'esse bello muzeu d'arte onde ha tanto que vêr e aprender. E ao mesmo tempo, recordando as varias decorações de certas casas onde o exagero de luxo mal encobre a falta de criterio artistico, pensamos tambem nas preciosidades que o estrangeiro dia a dia nos leva para os seus muzeus e para as suas collecções particulares por um preço que mal pagaria tanta insignificancia dourada que por ahi figura attestando uma falsa comprehensão do bello. Felizmente que ainda ha em Lisboa quem tenha esse verdadeiro culto, o que determina impressões consoladoras como as que experimenta quem percorre as lindas salas a que estamos fazendo esta ligeira referencia.

Realçando todos estes esplendores decorativos, a fidalga acolhida que dispensam ás suas visitas os srs. condes de Santar, torna inolvidavel de poderoso encanto a passagem pelo sumptuoso palacio da avenida D. Amelia.

Um commissão de senhoras da alta sociedade, tendo á sua frente madame Saint René Taillandier, a distinctissima esposa do ministro da França n'esta côrte, promoveu um *tea*-concerto no Palacio Foz, a favor do *Home Internacional*.

Foi, positivamente, uma festa requintadamente parisiense, pelo brilho da sua realisação e pelo aspecto dos sumptuosos salões do Palacio Foz, onde mais uma vez se deram *rendez-vous* as mais lindas e elegantes senhoras da sociedade lisboeta. Do programma, organisado com alto criterio artistico, destacaram-se, como um numero originalissimo e da mais encantadora realisação, as danças gregas por um grupo de creanças pertencentes a distinctissimas familias. O deslisar sereno e gracioso d'esse grupo, agitando grinaldas floridas, dava a impressão risonha de que, por favor celeste, um bando alado de anjos tivesse descido á mizera terra, illuminando-a momentaneamente d'um radioso fulgor divino...

LUIZ TRIGUEIROS.

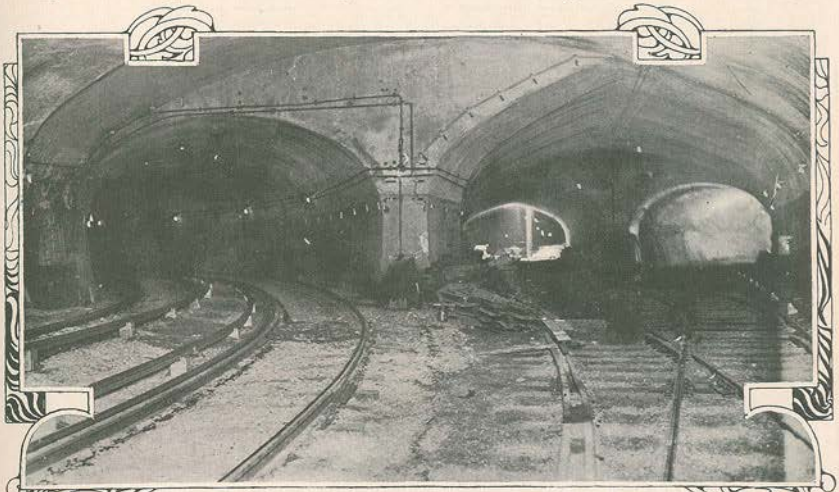
As creanças na festa de madame Saint René Taillandier

O METROPOLITANO DE PARIS

Uma estação subterranea do Metropolitano.

Muitos dos nossos leitores terão certamente transitado nas carruagens do Metropolitano; para os restantes não será egualmente novidade a existencia na capital da França da já extensa rede de caminhos de ferro subterraneos; não é, porém, sem interesse a publicação das photographias que hoje damos e de algumas palavras a respeito d'essa obra gigantesca, meditada durante largos annos, posta em pratica corajosamente pelo municipio de Paris e que minou a formosa capital do mundo com um dedalo de arterias invisiveis sob o agglomerado dos bairros populosos, sob o chão das avenidas e até sob as aguas do Sena.

Era velha a idéa de dotar Paris com um systema de communicações que acudisse ao sempre crescente formigar da população nas ruas da cidade. Ha meio seculo, quando da construcção das Halles centraes, pensou-se em conduzir por uma nova via, até ao centro de Paris, os generos dos mercados; faltou o ca-



O entroncamento da nova linha do Chatelet-Porte-Clignancourt

pital para a empreza, o projecto não foi posto em pratica, mas o municipio de Paris e o governo de França de tempos a tempos cogitavam no problema, emquanto engenheiros desejosos de grandes serviços ou de grandes nomes iam por seu lado apresentando para elle as mais desencontradas soluções. Assim em 1872 nada menos de sete projectos tinham sido feitos, que deviam, a realisarem-se, atravessar Paris em todas as alturas, desde o pleno ar, onde se erguiam as torres de Notre Dame e havia de levantar-se a torre Eiffel, até ao subsolo que finalmente um dia o Metropolitano havia de ir devassar.

Em 1877 esteve a obra, vae não vae, para realisar-se; os edis, porém, d'essa vez não estiveram de accordo com o projecto. Passaram annos; a questão revivia de tempos a tempos; na associação dos engenheiros civis amontoavam-se os planos das obras que chegaram a uma cincoentena de projectos mais ou menos grandiosos. Ao terminar o seculo passado, avizinhando-se a exposição de 1900 que havia de attrahir a Paris alguns milhões de forasteiros, o parlamento, finalmente, pensando a sério no assumpto, resolveu dar carta branca á municipalidade para lhe procurar solução, compromettendo-se previamente a ratifical-a. O municipio pôz

1— A escada mobil da estação do Père Lachaise
2—Uma sahida do Metropolitano

mãos á obra, determinou pôr em execução um vasto plano de vias quasi na totalidade subterraneas e concedeu a empreitada de quasi todas as construcções a varias emprezas, tomando para si e para os seus operarios a construcção ainda de alguns dos troços.

Conforme o plano municipal nove linhas deviam atravessar Paris, formando ao todo dois grandes systemas de linhas, uma circular que cercasse a cidade, as outras transversaes, cortando-a em differentes direcções; linhas menores, ligando alguns pontos importantes, entroncariam nas principaes.

A primeira linha construida foi a grande linha transversal, cortando Paris de Occidente a Oriente, do Bosque de Bolonha ao Bosque de Vincennes, passando sob as avenidas da Grande-Armée e dos Campos Elyseos, a rua Rivoli e o *boulevard* Diderot. Dois ramaes partiram d'esta grande linha; um d'elles conduzindo da praça da Estrella ao Trocadero, o outro sahindo da Porta Dauphine, que era o primeiro troço da grande linha circular que na praça da Estrella pegou com o pequeno ramal já começado e seguiu por debaixo dos *boulevards* exteriores a contornar a cidade. A terceira linha do projecto ia de Ménilmontant á Porta Maillot, destacava-se da precedente na rua de Constantinopla, passava debaixo da rua de Roma, do *boulevard* Haussmann, das ruas Auber, 4 Septembre, Réaumur, Turbigo e do Templo. A quarta linha, a grande transversal Norte-Sul, atravessava Paris da Porta de Clignancourt á Porta de Orléans. A quinta, que ligava a praça da Bastilha á linha circular, ia desde a ponte de Austerlitz ao *boulevard* de Strasburgo. A sexta do *boulevard* de Vincennes á praça de Italia; a setima da praça Valhubert ao caes de Conti; a oitava do Palais-Royal á praça do Danubio, e, finalmente, a nona da Opera a Auteuil, pela praça da Concordia e dos Invalidos.

As seis primeiras d'estas linhas, que formavam a parte essencial do plano da municipalidade, teem um comprimento total de 63 kilometros, dos quaes 40 kilometros em via subterranea, 12 kilometros em trincheira e 11 kilometros em viaducto; podendo dizer-se que com as tres linhas complementares do plano e os ramaes secundarios cuja construcção naturalmente se prolongará indefinidamente, mais exigindo as cidades á medida que são mais bem servidas, podendo dizer-se sem grande erro que Paris utilisa hoje o Metropolitano n'uma extensa rede de 100 kilometros, que a tanto deve montar, approximadamente, o comprimento actual d'essa via ferrea. Paris, porém, é tão grande, a sua vida é tão intensa, que os omnibus e os tramways teem continuado cá por cima, ao ar livre, na sua vida de sempre, ganhando sempre dinheiro!

Como se fazem os desaterros na construcção de uma linha do Metropolitano

Deliciando-se com a commodidade de transporte que a construcção do Metropolitano representa, o parisiense, o que o é de nascimento e a immensa população de forasteiros que em Paris se diverte, clama contra as obras que chama eternas, que difficultam aqui ou além o transito de uma rua ou que perturbam a regularidade de alguma das magestosas praças da cidade. E' a eterna ingratidão da grande massa, prompta sempre a ter novas exigencias e a considerar como

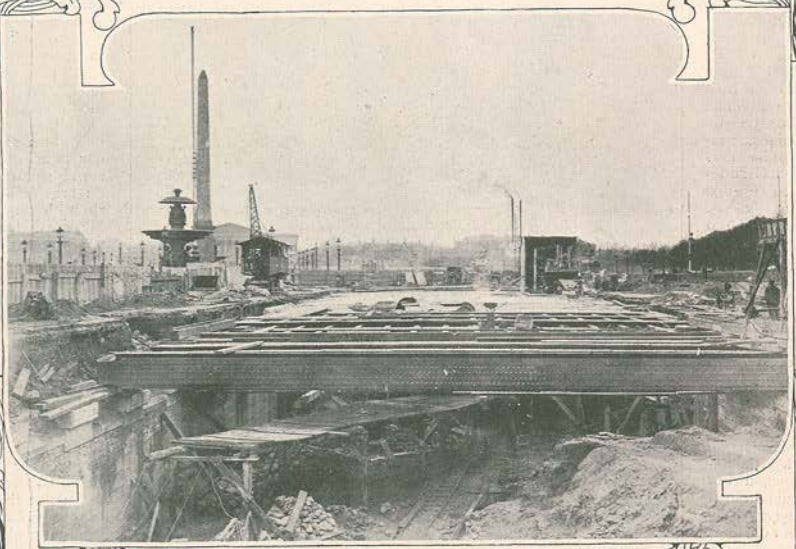
notavel sacrificio qualquer minusculo incommodo com que a estorve a realisação do que desejou.

Pois o que é incontestavel é que a cidade de Paris exigiu á sua engenharia e aos seus operarios, com a construcção do Metropolitano, trabalhos tão phantasticos, tão assombrosos, que excedem enormemente quanto, no genero, por todo o mundo tinha sido levado á pratica, e quanto a imaginação de quem os desconheça seja levada a suppôr.

Transitando devaneadoramente pela praça da Opera, na visita que o forasteiro faz aos monumentos da capital, ou encaminhando-se o parisiense para as grandes noites lyricas do theatro, nem sequer se darão á pena de pensar, mesmo

ples enunciado dá já idéa do grande trabalho que se accumulava no mesmo local e da difficuldade que naturalmente havia a vencer, por d'essa forma se sobreporem as vias em construcção, uma só das quaes era já a celebrada obra de arte que se chama um tunnel!

Pois calcule-se quanto mais difficil o problema seria, sabendo-se que, entre o solo da praça e um leito de agua que se estendia debaixo da terra, havia uma altura de dez metros approximadamente, e que a sobreposição dos tres tunneis, mesmo que fôsse possivel confiar-se na fixidez do terreno, dava uma somma de alturas bastante maior do que esses dez metros! Os constructores adoptaram uma solução, evidente-



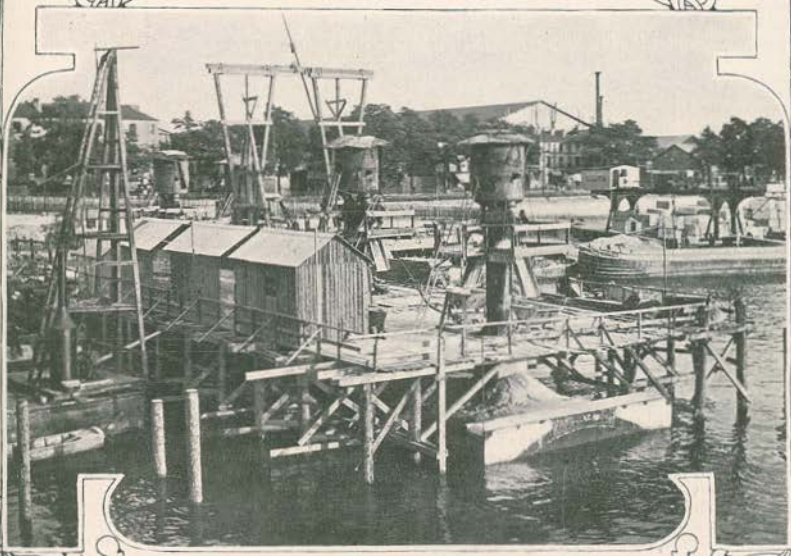
A construcção do Metropolitano da Praça da Concordia

tendo d'elles conhecimento, nos trabalhos herculeos que tiveram os constructores do Metropolitano sob o solo d'aquella formosa praça! Não obstante essa ignorancia dos seus esforços, são extraordinariamente notaveis os trabalhos ahi feitos pela engenharia franceza. Sob o chão da praça da Opera haviam de cruzar-se tres linhas do metropolitano: a linha que de Courcelles, nos boulevards exteriores do Norte, vae a Menilmontant, a do Palais-Royal á praça do Danubio, e a que começando nos boulevards, junto á rua Chauchat, vae para Auteuil pelo boulevard des Capucines e a Madeleine. A primeira devia ficar immediatamente inferior ao solo, a segunda sob a primeira e a ultima por baixo das outras duas.

Este simmente bem custosa de se realisar, mas que se apresentou como o unico meio pratico de resolver o caso. Construiram um colossal pilar de alvenaria atravessado na parte superior, em linha recta, por um furo que havia de ser o troço da linha de Menilmontant, na parte media atravessado em linha curva pelo tunnel da linha Palais-Royal Danubio e na parte inferior, outra vez em linha recta cruzada com a primeira, pelo tunnel da linha de Auteuil.

Esse gigantesco pilar de alvenaria, blóco digno de rivalisar com as sete maravilhas do mundo antigo, foi construido sobre um solido taboleiro de ferro, perpendicularmente ao qual se levantaram paredes tambem de ferro, formando em torno do pilar um

caixão estanque dentro do qual elle havia de mergulhar no nateiro subterraneo. Dentro do pilar novos taboleiros de ferro serviam de pavimento aos differentes andares do Metropolitano e sobre o mais alto dos tres andares um ultimo taboleiro era destinado a servir de tecto a toda a construcção e de supporte ao pavimento da praça. Concluida ao ar livre a obra d'este monumental edificio, começou, por meio de poderosissimos impulsores de ar comprimido e quanto possivel pela excavação do terreno, o enterrar d'essa torre no solo; e quando a base da construcção tinha attingido 40 metros abaixo do nivel da praça, unica profundidade em que se encontrou terreno firme para a assentar, fez-se a ligação dos troços de tunnel com as vias a que pertenciam, construiu-se sobre a torre a *gare* e a sua ligação com o ar livre, e estendeu-se de novo sobre o taboleiro superior o chão da praça da Opera, sepultando na terra, naturalmente para sempre, aquelle prodigioso trabalho.



Os trabalhos preparatorios para a travessia do Sena pelo Metropolitano

E' vulgar vêr-se nas ruas das cidades compridas excavações ao longo d'ellas em trabalhos de canalisações que se estabelecem ou que é necessario pôr a descoberto. Ha longos mezes, por exemplo, que o nosso Terreiro do Paço é quasi de um lado a outro atravessado por altas serranias de terra removida da cova vizinha onde se trabalha em novos esgotos da cidade. A primeira ideia deve ser de que Paris, durante estes ultimos annos, tenha visto as suas ruas, de um extremo ao outro, pejadas com trabalhos semelhantes. Profundo engano!

E' certo que as obras do Metropolitano provocaram em um ou outro ponto da cidade o estorvo do transito com obras como as da praça da Opera, de que acima fallámos, as da praça Saint-Michel e do Mercado das Flores, onde foi necessario metter pela terra dentro os enormes caixões da construcção. Mas tirado isso, póde dizer-se que o Metropolitano, apezar das queixas dos parisienses que se julgam tão estorvados com a sua construcção, tem minado o subsolo de Paris e assentado n'elle o caminho de ferro em que os parisienses transitam, sem dar aos que o hão de gozar maior incommodo do que verem abertos, aqui e alem, a meio de uma rua ou na relva de um jardim, poços por onde vae sahindo a terra das interminaveis excavações e por onde entra o ar que respiram os que lá andam por baixo. Não é muito exigir que as pacientes toupeiras humanas que teem feito todo aquelle trabalho tenham um pouco de circulação para o ar que respiram!

Em quasi toda a construcção do Metropolitano tem-se adoptado escudos de perfuração ao abrigo dos quaes se vae construindo a aboboda dos tunneis. Os escudos não excavam a terra, apenas protegem os trabalhadores. Fixado o escudo em um ponto, evita com as suas poderosas chapas de ferro a queda, sobre os trabalhadores, das terras que estão no seu contorno; ao seu abrigo fabricam os operarios um trecho da aboboda do

tunnel; entretanto outros operarios vão excavando para diante do escudo, por meio de portas abertas n'elle, e as terras que vão extrahindo vão sendo mandadas para o ar livre pelos taes poços ascensores; e quando á frente do escudo ha já um pedaço cavado para onde elle póde avançar, é impellido para diante por poderosas prensas hydraulicas apoiadas na estacaria ou na construcção de alvenaria da parte já completa do tunnel.

Nem sempre, porém, o valioso auxilio d'estas machinas pode ser utilizado; nas curvas do terreno e em alguns pontos onde a natureza do solo se não presta, os escudos não podem applicar-se; procede-se então como vulgarmente na construcção de um tunnel, não dando uma cavadela para diante sem que a aboboda de alvenaria proteja os trabalhadores.

Construcção d'um tunnel a 20 metros sob a terra
(*Clichés* de Delius)

Na travessia do Sena a construcção teve de ser inteiramente differente. O tunnel de alvenaria foi substituido por um tunnel de aço, de solidas chapas com cantoneiras reviradas para dentro e rebitadas pelo interior do tunnel, forrado interior e exteriormente com camadas de cimento armado, as quaes são protegidas ainda com cimento de Portland, e enchendo-se todos os vasios entre o tubo e o chão com uma argamassa de cimento forçada por pressão ao seu logar. Sabendo-se que as chapas que formam o tubo teem 1 1/2 pollegada de espessura, que a juncção de chapa para chapa é calafetada com estopa alcatroada e madeira creosotada, pode o viajante do Metropolitano fazer ideia da resistencia que o tunnel offereça á pressão das aguas do rio.

As secções do tunnel sub-fluvial, de ordinario formadas de 3 ou 4 anneis de chapas que regulavam por uns dois metros de comprido, eram montadas sobre a terra em caixões de ferro dentro dos quaes eram descidas até ao nivel desejado. Collocada essa secção em posição, procedia-se á sua ligação com a anterior, fazendo interiormente a cravação de um annel com o outro.

E como, uma vez atravessado o Sena por debaixo de agua, o problema passou a parecer muito simples, uma nova linha competidora do Metropolitano, que se lembrou tambem de correr o sub-solo de Paris desde a Porta de Versailles, por Montparnasse e S. Lazaro, até á praça Joffrin, estendeu sob as aguas do Sena nada menos de dois tubos de aço, dando-se ao luxo de ter um tunnel para cada uma das vias sob as aguas do rio.

Foi tremendo de horror para ser ainda lembrado o pavoroso incendio occorrido nos tunneis do Metropolitano e que tantas victimas causou. São de ha muitos poucos dias as inundações devidas ás cheias do Sena, em que as ruas de Paris eram canaes e os tunneis do Metropolitano canos enormes sem esgoto onde se não podia penetrar. São esses os seus dois grandes desastres. O mais, na sua vida de alguns annos, o Metropolitano, que correu velozmente Paris de lado ao outro, sem fumo que escureça e que suffoque, visto que o poderoso motor electrico que o move não se vê, não se sente e não incommoda ninguem, com as suas *gares*, as escadarias e abobodas brilhantemente illuminadas, é util, é grandioso e é bello e é um justissimo motivo de orgulho para o povo de Paris. Para terminar, traduzimos do *Figaro* as elucidativas linhas que se seguem: «Um relatorio acabado de apresentar ao conselho municipal pela commissão do orçamento, informa-nos do que foi em 1909 a «circulação» parisiense.

Os fiacres, os auto-taximetros, os *autobus*, os tramways, os omnibus transportaram approximadamente 250 milhões de passageiros. E esse numero é excedido pelo de viajantes transportados unicamente pelo Metropolitano!

O «Metro» tornou-se o vehiculo favorito da população parisiense. Em 1900, o «Metro», para estreia, transportava 16 milhões de passageiros; e eis o que foi a progressão d'esse numero, de anno para anno:

1900: 16 milhões.
1901: 48 milhões.
1902: 62 milhões.
1903: 100 milhões.
1904: 118 milhões.
1905: 149 milhões.
1906: 165 milhões.
1907: 195 milhões.
1908: 230 milhões.
1909: 254 milhões».

E o Metropolitano continúa a crescer!

FIGURAS E FACTOS

O professor da Universidade de Bordéus sr. Cirot realisou em 18 de abril, no Curso Superior de Lettras, uma conferencia sobre «Os Portuguezes na Historia de Bordeus», tratando eruditamente dos nossos compatriotas André Gouveia e Fernandes da Costa, que no seculo XVI foram cathedraticos n'aquella Universidade. A' conferencia assistiram o sr. ministro de França e lentes do Curso Superior.

1—Depois da conferencia do sr. Cirot professor da Universidade de Bordeus, no Curso Superior de Lettras:—Primeiro plano: srs. Charles Boeck, Consiglieri Pedroso, Cirot, Adolpho Coelho, José Maria Rodrigues.—Segundo plano: srs. David Mello Lopes, Manuel de Oliveira Ramos, Queiroz Vellozo e Alfredo David. (*Cliché* de BENOLIEL)

2—Os srs. Urbano Rodrigues e Victor Mendes, auctores da peça *Maria da Graça*, representada com successo no theatro D. Maria. (*Phot.* Liberdade)

4—A photographia d'um limão que tem a fórma d'uma mão humana e que nos foi enviada pelo sr. João Pereira Barbosa, de Marco de Canavezes.—(*Cliché* do sr. dr. Soares da Motta)

5 e 6—A commissão de viticultores de Collares que entregou uma representação ao sr. ministro das obras publicas solicitando uma marca privativa para os seus vinhos. —(*Clichés* de Benoliel)

A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE SILVA PORTO

A exposição de pintura Silva Porto, inaugurada com a assistencia do chefe do Estado em 16 d'abril, na Academia de Bellas Artes, teve o alto merecimento de nos revelar alguns artistas novos a que se deve dar todo o auxilio, pois demonstram com uma grande vontade de trabalhar, aptidões dignas de nota e excellentes mesmo em alguns d'elles.

Não falando já dos discipulos de Carlos Reis, que teem exposto como os srs. Alves Cardoso, Trigoso e Saude, que concorreram com alguns trabalhos a esta exposição; do sr. José Campas, actualmente em França e a quem a *Illustração Portugueza* já dedicou um artigo n'um dos seus numeros anteriores; devem comtudo accentuar-se os reaes progressos do sr. Frederico Ayres, que no seu quadro *Sol Posto* soube dar uma curiosa impressão. Mas outros artistas

apparecem, todos cheios d'um alto enthusiasmo pela sua arte e pelo seu mestre, como o sr. João Baptista Junior, que pela primeira vez expõe e fez entre outros trabalhos um quadrinho interessante *O Porto das Bonitinhas*. Filho d'uma familia pobre, dedicado á arte nos intervallos do seu mister, esse joven pintor é o dos que teem uma bem real affeição pelo mestre que não sabe distinguir entre os discipulos. Vê-se isso: a todos dedica eguaes cuidados a todos ensina com a mesma fé e talento, sentindo bem accentuada a vocação dos seus alumnos. Um outro artista apparece, com certo cunho pessoal já, é o sr. Leandro Calderon, que apresenta alguns trabalhos como a *Quinta de Entre Agua* e a *Estrada de Mesiões*. O sr. Armando de Lucena dá-nos uma impressão de verdade intensa n'um dos quadros expostos que se intitula *Sol*

1—O chefe do Estado conversando com o pintor Carlos Reis na exposição. 2—*Sobreiros e castanheiros*, pelo sr. Falcão Trigoso. 3—*Porto das Bonitinhas* pelo sr. J. Baptista Junior.

com as suas visões extravagantes, que dão nuvens de côres incriveis, mas apparecem tambem alguns quadros de perfeitissima verdade e que dão a nota da clara visão dos seus auctores e se impõem pelo acabamento.

Entre estes deve notar-se o trabalho do sr. Abel Santos intitulado *Trecho das Lapas*. E' um rio que tem á sua beira salgueiros corcovados; a mancha vermelha d'uma saia alegra o quadro tão verdadeiro que é a affirmação cabal da observação d'esse artista. Tudo é acabado na tela, uma das mais bellas da exposição. Destacando pelo as-

Na eira, pelo sr. José Campas

e Poeira. E' bem uma estrada provinciana, por um verão em que a poeira abafa subindo das passadas e vae branquear não só o caminhante, mas as piteiras do caminho, que perdem aqui e ali o seu tom verdoengo, como se marca n'esse estudo do sr. Lucena.

N'essa exposição ha tentativas de varios generos; surgem os impressionistas

Sol posto, pelo sr. Frederico Ayres

sumpto e tendo por vezes uma certa nota audaciosa são os quadrinhos do sr. Horacio Silva, que põe a

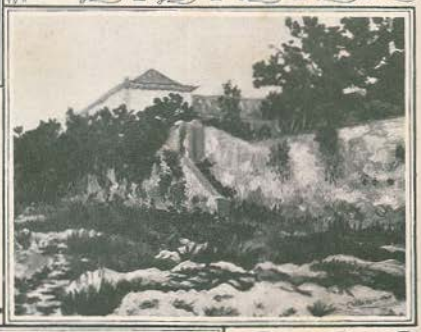
Uma rua, pelo sr. Adriano Costa

Feira em Torres Novas, pelo sr. Horacio Silva

Estrada de Mesões, pelo sr. Leandro Calderon

multidão nos assumptos e procura movel-a com singular maneira como no seu quadro *Feira em Torres Novas*.

Expuzeram ainda outros discipulos de Carlos Reis trabalhos que honram o mestre e, diga-se o que se disser, mostram a vocação d'esses rapazes que se dedicam á arte da pintura, o que já é um arrojo em Portugal. O sr. João Dias Serras tem uma serie de quadrinhos curiosos dos quaes publicamos a *Estrada das Lages*. O sr. Adriano Costa expoz tambem um trabalho intitulado *Uma Rua*. São estes os mais notaveis trabalhos dos discipulos de Carlos Reis que concorreram á exposição onde avultam, com mais responsabilidades, os quadros dos srs. Alves Cardoso, Saude e Trigoso, que ha tempos expuzeram no salão Bobone, tendo-lhes a



A quinta de Entre Agua, (Torres Novas) pelo sr. Leandro Calderon

deve dar todo o apreço como aos novos artistas todo o incentivo que merecem.

A exposição d'este anno é uma promessa; no anno proximo será uma affirmação. Muitos d'aquelles rapazes, se não todos, fixar se-hão n'um processo irão a aperfeiçoar-se dia a dia, e n'essas excursões, a que o mestre os conduz, irão aprendendo a dar nas suas telas todo o encanto da terra portugueza.

Essas excursões da Sociedade Silva Porto, que teem o objectivo da paizagem, não são infructiferas, porque, se não viessem d'ellas outros resultados, bastavam os quadros que Carlos Reis quasi todos os annos pinta para as desejar. Mas não. Os seus discipulos, educados n'aquelle amôr pela natureza, vivendo em varias partes do paiz, vão fixando nos seus quadros, fóra das excursões, bocados magnificos da nossa terra.

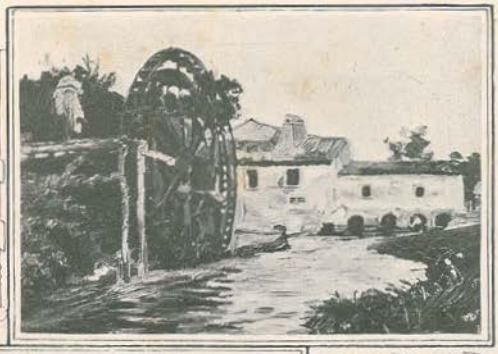
4—*Conduzindo o rebanho*, pelo sr. José Campas
5—*Moinho do Cercal*, pelo sr. Antonio Sauda

Casa ao sol, pelo sr. Alves Cardoso

Illustração Portugueza feito referencia n'essa occasião. Algumas telas novas d'estes artistas appareceram e algumas publicamos deixando assim registrado o exito d'essa exposição a que se

São provas do que fica affirmado os presistentes esforços dos srs. Alves Cardoso, Trigoso e Saude, que não deixam de expôr annualmente os seus trabalhos, alguns, de verdadeiro merito.

N'uma terra onde é quasi um heroismo esse culto entranhado de qualquer arte, onde poucos são os resultados monetarios que se obteem, não se póde deixar de applaudir esse nucleo de rapazes que, devotamente, vão seguindo o exemplo do seu mestre Carlos Reis, a quem



O moinho dos Gafos, pelo sr. Frederico Ayres

Sol e poeira, pelo sr. Armando de Lucena

na Academia de Bellas Artes.

Não se deve regatear applausos aos que trabalham n'esse infructifero campo da arte. Não ha o direito de o fazer, porque de todo o estimulo elles carecem afim de encontrarem novas forças para essa lucta, que merece ser olhada com respeito.

cabe uma grande parte do brilhantismo que teve essa exposição da Sociedade Silva Porto, installada

Trecho das Lapas, pelo sr. Abel Santos. (*Clichés* de Benoliel)

Estrada das Lapas, pelo sr. João Dias Serra

UMA FESTA Á "CHANTECLER"

O novo quadro da revista *Sol e Sombra* em scena no theatro do Principe Real

(*Cliché* de Benoliel)